

1. O que é o “futebol” do futebol LGBTQIAPN+?

A ORIGEM DO FUTEBOL LGBTQIAPN+

Quando comecei a desenvolver esta pesquisa, meu conhecimento sobre futebol era bastante limitado, e eu contava apenas com um repertório superficial e de senso comum a respeito do tema. É evidente que muitas pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadoras têm essa relação com seus objetos. Mas provavelmente, no contexto brasileiro, tido como o “país do futebol”, não é tão comum que esse esporte seja uma grande novidade para quem inicia uma pesquisa sobre ele. Assim como alguns dos interlocutores desta pesquisa, eu fui uma menina afeminada excluída do círculo de masculinidade na escola, o que passava diretamente pelo não acesso ao futebol. Durante a maior parte da vida, vi o futebol principalmente como signo de uma masculinidade misógina e homofóbica. Este trabalho me ajudou a perceber que não deixa de ser isso, mas que também é muitas outras coisas, inclusive o futebol LGBTQIAPN+.

Por ter tido essa relação com o tema, ao construir esta discussão, eu não apresento as ideias que se seguem apenas a quem lê este texto. Antes, apresentei-as a mim mesma. Penso que isso torna o meu trabalho essencialmente diferente dos que são desenvolvidos

por pessoas que já têm um conhecimento prévio sobre o futebol. Neste primeiro capítulo, irei sintetizar todo o conhecimento que eu mesmo precisei adquirir para entender o objeto da minha pesquisa. Aqui se encontram as respostas que eu busquei para as minhas próprias lacunas de informação a respeito do esporte. Acredito que isso traga ao trabalho a potencialidade de se constituir como uma discussão acessível a leitoras, leitores e leitoras que, assim como eu, no início desta pesquisa, não contam com muitos conhecimentos prévios sobre o tema. Portanto, peço a compreensão de quem já sabe de cor o que tratarei neste capítulo, mas faço a essas pessoas o convite para que revisem as informações apresentadas. Talvez possa haver algum detalhe novo sobre o tema também para vocês. No entanto, começarei abordando questões sobre o futebol LGBTQIAPN+ para, a partir daí, entender melhor o panorama maior do cenário esportivo em que ele se insere.

A ideia de um *futebol LGBTQIAPN+* é bastante nova. Essa categorização mais inclusiva, que remete a todas as identidades não cisheteronormativas, foi adotada no início da década de 2020. Antes disso, o que existia era a ideia de um *futebol gay*. Isso é importante porque, em um primeiro momento, a ideia de afirmação de identidades não cisheteronormativas no futebol restringia-se a homens gays. Mais à frente, irei problematizar o quanto, ainda hoje, os gays ocupam de forma hegemônica os espaços do futebol LGBTQIAPN+ e como existem subgrupos nesse movimento, como o futebol transmasculino. Também considero necessário explicar que o termo utilizando aqui é “futebol LGBTQIAPN+” pelo fato de essa sigla ser a

mais inclusiva usada para se referir a pessoas não cisheteronormativas atualmente. No entanto, vemos esse movimento ser nomeado por meio de diversas outras siglas que incluem explicitamente menos identidades, como “LGBT” ou “LGBTQIA+”. A segunda é a forma como os times brasileiros têm se nomeado oficialmente, mas a primeira é a mais usada na prática pelos jogadores.

No início, os chamados times de futebol gay eram equipes compostas apenas por homens *gays e bissexuais*. O primeiro deles foi o New York Ramblers, surgido em 1980, em Nova York, nos Estados Unidos. Nesse país, em 1982, ocorreu a primeira competição internacional de times de futebol gay, na cidade de São Francisco, Califórnia. A disputa aconteceu na primeira edição dos Gay Games, evento internacional poliesportivo para atletas LGBTQIAPN+. Participaram apenas atletas dos Estados Unidos e dos Países Baixos. Em 1992, foi fundada a Associação Internacional de Futebol Gay e Lésbico (IGLFA, na sigla em inglês), ampliando o escopo do futebol não cisheteronormativo ao incluir times compostos por lésbicas. Desde o ano da sua fundação, a associação promove a Copa do Mundo de Futebol Gay. A primeira ocorreu em Nova York e contou com 8 equipes, dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Alemanha. Em julho de 2023, a associação contava com 25 integrantes dos Estados Unidos, do México, do Reino Unido, da República Checa e da Austrália. Apesar de o Reino Unido só ter um time federado à IGLFA, o país tem a sua própria liga amadora, fundada em 2002, a Liga Nacional da Rede de Jogadores de Futebol Gay (GFSN, na sigla em inglês). Em julho de 2023, ela contava com 16 membros. Mesmo não tendo times filiados à IGLFA,

diversos outros países contam com times compostos por pessoas LGBTQIAPN+. Alguns deles, inclusive, já foram filiados a essa liga anteriormente. Nenhum time brasileiro, entretanto, fazia parte dela durante esta pesquisa.

No Brasil, a história do “futebol gay” começa em 1990, com a criação do Real Centro, em São Paulo. Na época, porém, ele ainda não se autorreconhecia como um time gay. Seus integrantes se viam apenas como um grupo de amigos se reunindo para jogar bola. Somente 15 anos depois, em 2005, surgiu o Magia, em Porto Alegre (RS). Em 2010, foi criado o As Maluquinhas Gay, em Ananindeua, Pará, renomeado como Barcemonas, em 2014. No mesmo ano, formou-se o Ball Cat’s, em Manaus. O Unicorns, o Futeboys e o Natus, todos de São Paulo, surgiram em 2015. Em 2016, nasceu o Capivara, em Curitiba. Nesse ano, deu-se outro fato muito relevante: a criação do primeiro time transmasculino, o Meninos Bons de Bola (conhecido como MBB), em São Paulo. Mas é em 2017 que ocorre o boom do “futebol gay” no Brasil. Foram fundados pelo menos mais 12 times em todo o país, incluindo cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Florianópolis. Nesse mesmo ano, a ideia de um “futebol LGBT” começou a ser gestada, a partir do discurso do Bharbixas, primeiro time de Belo Horizonte. No ano seguinte, outras oito equipes se formaram, chegando a Vitória (ES) e a Manhuaçu, no interior de Minas Gerais. A Figura 2 traz o mapeamento de times feito em 2018 pela LiGay Nacional de Futebol.

Apesar do título “futebol gay”, a lista também traz o time transmasculino Meninos Bons de Bola, de São Paulo. Nota-se que

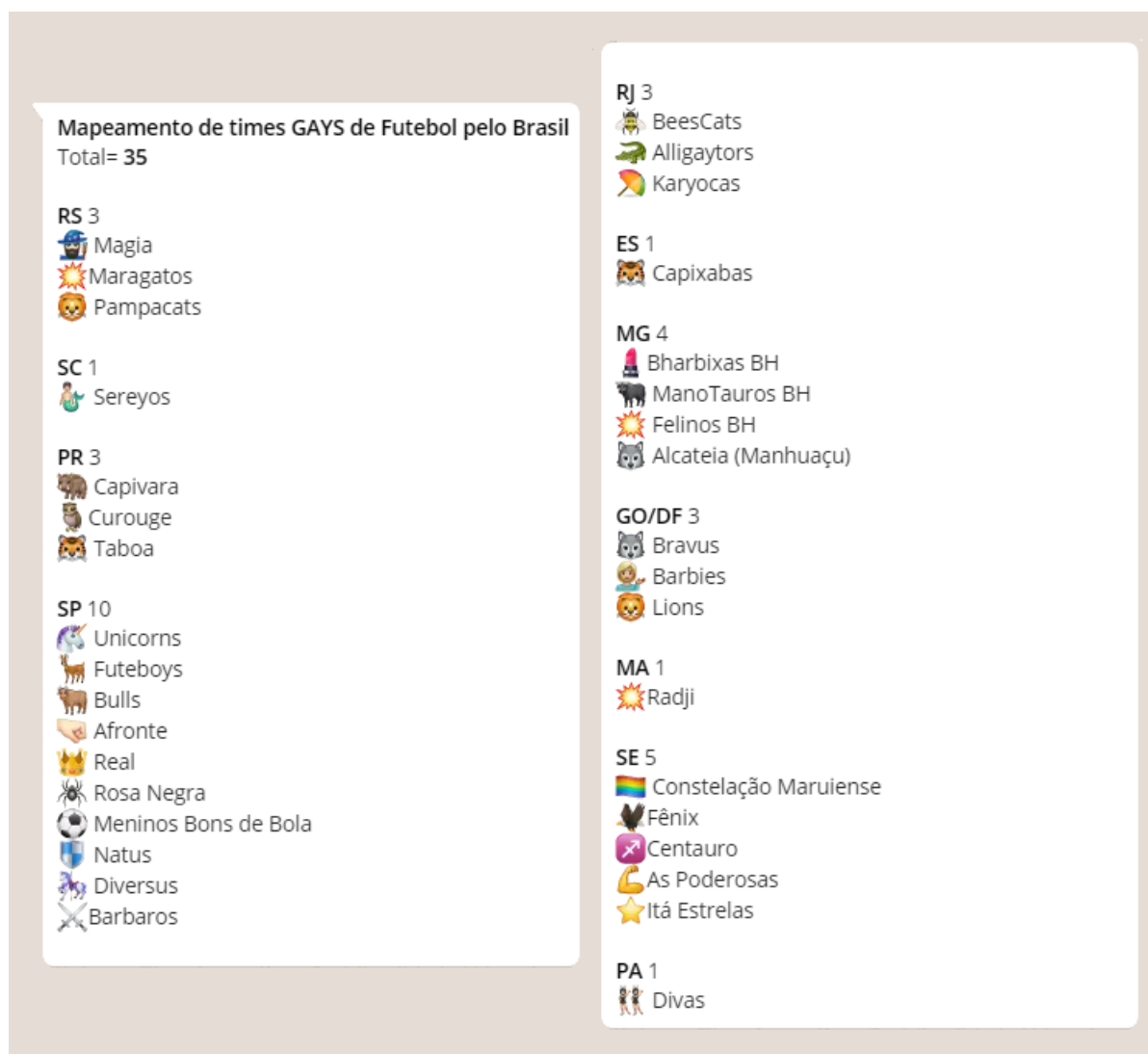
o levantamento não foi totalmente preciso, pois não incluía, por exemplo, o Barcemonas (Pará, 2010) e o Ball Cat's (Amazonas, 2014). Nessa época, as redes entre clubes do país ainda estavam se construindo, e aqueles do eixo Sul, que coordenavam a LiGay, ainda estavam tateando o panorama existente em outros estados. Em julho de 2023, a LiGay chegou à marca de 47 filiados, tornando-se maior que a IGLFA e a GFSN juntas. Assim, o boom de 2017 fez com que o Brasil se transformasse em uma megapotência mundial no futebol LGBTQIAPN+. A décima edição do Gay Games, ocorrida em 2018, em Paris, contou pela primeira vez com um time brasileiro, o BeesCats, que garantiu a medalha de prata na competição. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre o crescimento no número de times de “futebol gay” no Brasil.

De repente explodiu, cresceu o número de times, o número de pessoas participando, tomou a mídia. Tava cheio de LGBT que jogava futebol, ou que tinha parado de jogar, ou que queria jogar, mas que não jogava por causa do machismo e da homofobia no futebol. Então, eu acho que só faltava realmente um empurrão. É como se a gente já tivesse todo mundo ali envolvido, já tivesse todo mundo só esperando alguém dar um pontapé. E, quando o pontapé foi dado, foi como se fosse uma mola que tem uma energia acumulada, que vai de uma vez todo mundo, sabe, um movimento. (Roberto, Bharbixas, 2018)

A midiaticização foi importante para fazer com que o movimento se espalhasse pelo país. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018)

comentam sobre a participação do Unicorns no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da *Rede Globo*, em abril de 2017. Assistindo ao programa, um espectador do Rio de Janeiro se interessou e decidiu criar um time naquele estado, formando, então, o BeesCats. Em poucas semanas, os encontros semanais dos seus integrantes, acompanhados de música e socialização, alcançaram bastante sucesso, o que acabou chamando ainda mais a atenção da mídia. Já no primeiro mês de existência, o grupo foi objeto de reportagens do *Esporte Interativo*, da *TV Globo* e do *O Globo*. Pedro (Bharbixas, 2018) apontou que as mídias sociais foram as grandes responsáveis pelo crescimento do número de equipes de “futebol gay”. Isso porque os clubes estabelecidos apoiavam as pessoas que queriam formar uma nova equipe em outro lugar.

Figura 2 – Levantamento dos “times gays” brasileiros em 9 de junho de 2018



Fonte: LiGay

Descrição: A imagem traz a lista de times, dividida por estado. No início, há o título “Mapeamento de times GAYS de futebol pelo Brasil – Total: 35”. A seguir, há a indicação do estado, de quantos times há nele, e a lista de times, cada um acompanhado por um emoji. Reproduzo a lista a seguir. RS: 3 – Magia (bruxo), Maragatos (explosão), Pampacats (rosto de leão). SC: 1 – Sereyos (tritão). PR: 3 – Capivara (javali), Curouge (coruja), Taboa (rosto de tigre). SP: 10 – Uni-

corns (unicórnio), Futeboys (veado), Bulls (boi), Afronte (soco), Real (coroa), Rosa Negra (aranha), Meninos Bons de Bola (bola), Natus (escudo), Diversus (carrossel), Bárbaros (espadas). RJ: 3 – BeesCats (abelha), Alligaytors (jacaré), Karyocas (guarda-sol). ES: 1 – Capixabas (rosto de tigre). MG: 4 – Bhabixas – BH (batom), ManoTauros – BH (touro), Felinos – BH (explosão), Alcateia – Manhuaçu (rosto de lobo). GO/DF: 3 – Bravus (rosto de lobo), Barbies (pessoa “desmunhecando”), Lions (rosto de leão). MA: 1 – Radji (explosão). SE: 5 – Constelação Maruiense (bandeira LGBTQIAPN+), Fênix (águia), Centauro (signo de sagitário), As Poderosas (muque), Itá Estrelas (estrela). PA: 1 – Divas (pessoas com orelhas de coelho).

O primeiro campeonato de futebol LGBTQIAPN+ brasileiro foi a Copa Gay de Futebol de Manaus, realizada em 2014, por iniciativa de um jogador declaradamente gay, que já havia sido eleito o melhor do Peladão – campeonato de futebol amador manauara, que é o maior do Brasil. Mas foi em julho de 2017, em São Paulo, que aconteceu a Taça Hornet, o primeiro torneio nacional. O evento foi promovido pelo aplicativo de relacionamentos *Hornet*, voltado para o público gay. Participaram apenas quatro times: BeesCats, Futeboys, Unicorns e Capivara. O torneio impulsionou ainda mais a criação de equipes de “futebol gay” pelo país. A partir da Taça Hornet, estabeleceu-se uma parceria entre o BeesCats, o Unicorns e o Futeboys para a formação da LiGay Nacional de Futebol. A primeira edição do Champions LiGay – nome que faz referência à Champions League europeia – reuniu oito participantes no Rio de Janeiro, em novembro de 2017, apenas quatro meses depois da primeira edição da Taça Hornet. O campeão foi o Bhabixas, primeiro “time LGBT” de Belo Horizonte. Na época, o ManoTauros, seu rival na cidade, ainda não havia sido formado. O

campeonato teve bastante cobertura midiática, tendo sido apelidado de “Brasileirão Gay”. A partir de então, passou a ocorrer semestralmente, com um número cada vez maior de equipes participantes. A 5ª edição, ocorrida em Belo Horizonte, no segundo semestre de 2019, contou com 25 equipes, listadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Times participantes do 5º Champions LiGay

Time	Fundação	Cidade	Estado	Instagram
Afronte	2017	São Paulo	SP	@afrontefc
Alcateia	2018	Manhuaçu	MG	@alcateiaesportclube
Alligaytors	2017	Rio de Janeiro	RJ	@alligaytorsfc
Ball Cat's	2014	Manaus	AM	@ballcats_oficial
Bárbaros	2018	São Paulo	SP	@barbarosfc_
Barbies	2017	Goiânia	GO	@barbiesec
BeesCats	2017	Rio de Janeiro	RJ	@beescatsbr
Bharbixas	2017	Belo Horizonte	MG	@bharbixas
Bravus	2017	Brasília	DF	@bravusbsb
Bulls	2017	São Paulo	SP	@bulls.sp
Capital	2018	Brasília	DF	@capitalsoccerdf2
Capivara	2016	Curitiba	PR	@cec_capivara
Capixabas	2018	Vitória	ES	@timecapixabas
Diversus	2017	São Paulo	SP	@diversusfc
Futeboys	2015	São Paulo	SP	@futeboysfc
Karyocas	2018	Rio de Janeiro	RJ	@karyocas_clubfut7
Magia	2005	Porto Alegre	RS	@magiasportclub
ManoTauros	2017	Belo Horizonte	MG	@manotaurosmsg
Pampacats	2017	Porto Alegre	RS	@pampacats
Predadores	2019	Belo Horizonte	MG	@predadores.f.c.mg
Real	1990	São Paulo	SP	@realcentrofc
Taboa	2017	Curitiba	PR	@taboafc
Tubarões	2018	Florianópolis	SC	@aatubaroes
Unicorns	2015	São Paulo	SP	@unicornsbrasil
Ximangos	2018	Porto Alegre	RS	@ximangos_e.c

Fonte: elaborado pelo autor

Naquela edição, Bharbixas, ManoTauros e Predadores também competiram com seus times femininos em uma chave específica. Na modalidade, as mulheres não precisavam ser LGBTQIAPN+. É importante apontar que outras equipes pelo país também têm ou já tiveram times femininos, o que demonstra uma presença considerável de mulheres no futebol LGBTQIAPN+ brasileiro – ainda que essa presença não seja observada nos campeonatos nacionais da LiGay, como veremos adiante.

Como é possível perceber pelo quadro apresentado, 19 dos 25 clubes (76%) foram fundados a partir de 2017, ano que marca o crescimento do cenário futebolístico LGBTQIAPN+ no país. Além do Bharbixas e do ManoTauros, Belo Horizonte já tinha outros dois times na data em que ocorreu aquela competição, o Felinos e o Predadores. Além deles, Minas Gerais também já contava com uma equipe em Manhuaçu, chamada Alcateia. Inclusive, era a única participante da competição que não vinha de uma capital. Quinze clubes (60%) pertenciam à região Sudeste, seis (24%) ao Sul, três (12%) ao Centro-Oeste, um (4%) à região Norte e nenhum ao Nordeste. No quinto Champions LiGay, o ManoTauros foi eliminado nas oitavas de final, e o Bharbixas terminou em quarto lugar. O torneio feminino foi vencido pelo ManoTauros.

A pandemia de Covid-19 fez com que o Champions LiGay deixasse de ser realizado por dois anos. A sexta edição ocorreu só em 2022 e marcou algumas mudanças importantes no contexto de então. A primeira é que, oficialmente, o futebol gay passou a ser

“futebol LGBTQIA+”. Na prática, nas edições anteriores, o Barbixas já subvertia a lógica do “futebol gay”, contando com uma jogadora mulher no seu elenco “masculino”. Mas, em 2022, essa possibilidade se tornou mais institucionalizada, apesar de ainda não aparecer de forma explícita no regulamento do campeonato. De qualquer forma, a participação de mulheres não aumentou. Por isso, na prática, o campeonato ainda se manteve quase exclusivamente gay. Na sexta edição, houve uma disputa paralela de times transmasculinos filiados à LiGay. Antes, se quisessem participar, eles precisavam concorrer junto com os demais “times LGBTQIA+”. No entanto, partiu deles a solicitação para que jogassem apenas entre si. Importante observar que tal subdivisão torna as demais equipes ainda menos diversas, já que os jogadores trans formam elencos e competem de forma segmentada. Nesse torneio de 2022, o campeonato feminino, inserido na edição anterior, não foi continuado. Esse é outro ponto que faz diminuir a diversidade, já que antes, mesmo de forma segmentada por gênero, mais mulheres participavam. O Quadro 2 mostra o resumo das características das seis primeiras edições do Champions LiGay.

Quadro 2 – Resumo das seis primeiras edições nacionais do Champions LiGay

Edição	Cidade	Data	Gay / LGBTQIA+	Feminino	Transmasculino
Primeira	Rio de Janeiro	nov. 2017	8	-	-
Segunda	Porto Alegre	abr. 2018	12	-	-
Terceira	São Paulo	nov. 2018	16	-	-

Quarta	Brasília	abr. 2019	20	-	-
Quinta	Belo Horizonte	nov. 2019	25	3	-
Sexta	São Paulo	nov. 2022	24	-	4

Fonte: LiGay

Outra mudança importante ocorrida em 2022 é que a LiGay passou a realizar campeonatos regionais antes do torneio nacional, no primeiro semestre do ano. Dessa forma, a edição nacional do Champions LiGay se tornou anual, como parte do calendário do segundo semestre. Os regionais passaram a ser critério de seleção para o nacional, a fim de garantir a representatividade de times das cinco regiões do país proporcional ao número de equipes de cada região. Durante três anos, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) foi presidente da LiGay. Ele contou que foi quem teve a ideia de fazer os regionais classificatórios, para dar chances a todos os times LGBTQIAPN+ brasileiros de participarem. Isso porque, anteriormente, novos times entravam para o campeonato por meio de convite da liga, e o número de times existentes já era muito maior do que as vagas para a disputa. Assim, tornava-se impossível incluir os novos times que apareciam. Ele explicou como ficou o formato: “as regiões que têm mais equipes classificam mais times. As regiões que têm menos equipes classificam menos times. Mas sempre tem um representante de cada região, né? Na última LiGay, a gente teve representante das cinco regiões do Brasil”.

A Figura 3 traz o mapeamento de times feito em 2023 pela LiGay. Repare que, diferentemente do levantamento realizado em 2018, aqui as equipes já são chamadas de “times LGBTQIA+” e não mais de “times gays”. Em cinco anos, o número de equipes mapeadas subiu

de 35 para 82 – aumento de 134%. Isso não quer dizer necessariamente que o número de times criados no período tenha sido maior do que o que já existia até 2018. De fato, houve a criação de muitos deles desde então, porém, também houve a identificação de diversos outros que já existiam, mas que a LiGay ainda não havia mapeado na primeira verificação. É o caso dos veteranos Barcemonas (Pará, 2010) e Ball Cat's (Amazonas, 2014), por exemplo. É interessante notar, contudo, que alguns times também deixaram de existir de lá para cá.

A proporção de clubes por região também mudou bastante. Em 2018, eram 18 do Sudeste (51%), 7 do Sul (20%), 6 do Nordeste (17%), 3 do Centro-Oeste (9%) e 1 do Norte (3%). Em 2023, passaram a ser 28 do Nordeste (34%), 25 do Sudeste (30%), 12 do Norte (15%), 12 do Sul (15%) e 5 do Centro-Oeste (6%). Chama a atenção a quantidade de equipes no Ceará, que não aparecia no primeiro levantamento, mas, no seguinte, está como o segundo estado com mais times mapeados no país. Ao mesmo tempo, outro detalhe também chama a atenção: os emojis. Alguns times ainda não eram representados por nenhum deles no segundo levantamento. Quase todos eram do Nordeste, sendo sete somente no Ceará. Esse detalhe sugere que a LiGay provavelmente ainda tinha um relacionamento superficial com esses times, já que sequer haviam decidido o emoji que lhes caberia – ou, se haviam decidido, ainda não havia ocorrido a atualização na lista. Assim como o crescimento total de times, o aumento da proporção de equipes no Nordeste e no Norte não indica necessariamente que a expansão do futebol LGBTQIAPN+ nessas regiões foi maior que a média no período, pois, como dito anteriormente, parte deles já existia no primeiro levantamento, mas não havia sido relacionada.

Figura 3 – Levantamento dos “times LGBTQIA+” brasileiros em 6 de fevereiro de 2023



Fonte: LiGay

Descrição: A imagem traz a lista de times, dividida por estado. No início, há o título “Mapeamento de times LGBTQIA+ de futebol pelo Brasil – Total: 82”. A seguir, há a indicação do estado, de quantos times há nele, e a lista de times, cada um acompanhado por um emoji. Reproduzo a lista a seguir. RS: 6 – Real Flamingos (explosão), Magia (bruxo), Maragatos (rosto de gato), Thunders (trovão), Ximangos (águia), Mônaco (sem emoji). SC: 3 – Tubarões (tubarão), Dinosaurs (tiranossauro), Transformers (robô). PR: 3 – Capivara (javali), Serpentes do Oeste (cobra), Taboa (rosto de leão). SP: 11 – Bárbaros (espadas), Bulls (boi), Diversus (carrossel), Futeboys (veado), Meninos Bons de Bola (bola), Natus (escudo), Real (pessoa coroada), Unicorns (unicórnio), Transversão (bola), Camaleões (camaleão), Sc.Gaivotas (águia). RJ: 5 – Alligaytors (jacaré), BeesCats (abelha), Bigtboys (rosto masculino), Karyocas (papagaio), TransUnited (bandeira trans). ES: 2 – Capixabas (rosto de tigre), Tigreys (tigre). MG: 7 – Alcateia (rosto de lobo), Bharbixas (batom), ManoTauros (touro), Predadores (leopardo), Felinos (tigre), Inconfidentes Pride (locomotiva), Elite (touro). GO/DF: 5 – Barbies (pessoa “desmunhecando”), Bravus (rosto de lobo), Distrito (prédio), Real Quiri (pessoa coroada), Liberty (pomba). BA: 1 – Dendê (pimenta). SE: 7 – Araras (pintinho), Centauro (signo de sagitário), Constelação Maruiense (bandeira LGBTQIAPN+), Fênix (águia), Estrelas Sergipanas (estrela), Apertadinhas (coco), Pitholas (boca). AL: 1 – Royals (bandeira LGBTQIAPN+). PE: 1 – Tropicats (palmeira). PR: 1 – Dandara FC (pessoa correndo). CE: 10 – Can-gayceiros (explosão), Blogayras (bandeira LGBTQIAPN+), Afronte OFC (dançarina), Tottenham Massapê (sem emoji), União Tianguá (sem emoji), Naara (sem emoji), Thundercats (sem emoji), Diversidade (sem emoji), Fox (sem emoji), Lá Vem Elas (sem emoji), MA: 4 – Radji (explosão), Lacrativas – Barreirinhas (sem emoji), Real Vittar – Tutóia (sem emoji), Real Tutoiense – Tutóia (sem emoji). PI: 3 – Divas (sem emoji), Genesis – Parnaíba (sem emoji), MDS – Luís Correa (sem emoji). PA: 6 – Barcemonas (bola), Divas (pessoas com orelhas de coelho), Fogo no Rabo (explosão), Panteras (rosto de gato), Poderosas (pessoa “desmunhecando”), Serpentes Rosa (cobra). AP: 1 – Sereias da Areia (sereia). AM: 5 – Amigas do Futsal (mulheres de mãos dadas), Ball Cats (rosto de gato com olhos de coração), Holanda AM (bandeira da Holanda), Rússia AM (bandeira da Rússia), Manauaras (fada).

Também é importante notar que se trata aqui da lista de times conhecidos pela LiGay, não de filiados a ela. Portanto, a proporção de equipes por região nessa relação não se reflete do mesmo modo na lista das filiadas à LiGay.

Nesse cenário, destaca-se também o crescimento do futebol transmasculino como uma subdivisão ou como um movimento paralelo ao futebol LGBTQIAPN+. Na 6ª edição do Champions LiGay, os times transmasculinos passaram a ter uma chave exclusiva no campeonato, com a participação de quatro equipes. No entanto, o número total deles é bem maior, e há campeonatos exclusivos independentes da LiGay organizados por esses times. Bernardo Gonzales (2022) indica a formação de pelo menos 14 equipes pelo país até 2022. De fato, o Brasil tem um protagonismo muito grande em relação ao seu desenvolvimento do futebol transmasculino. Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020), ao analisarem textos *online* sobre o Meninos Bons de Bola (MBB), identificaram que veículos da mídia do Reino Unido e da Espanha apresentaram o MBB como o primeiro time de futebol transmasculino do mundo.

O SURGIMENTO DO FUTEBOL NA INGLATERRA

O alcance de público e o sucesso financeiro que o futebol tem atualmente fazem dele o esporte mais popular do mundo, mas ele não nasceu em berço de ouro. Apesar de sua existência só ter sido oficializada em 1863, na Inglaterra – com a fundação da Football Association –, versões mais antigas desse esporte já eram praticadas pela popu-

lação camponesa, no interior daquele país, desde o século XVI. No entanto, é necessário apontar que, ao nos referirmos àquele período, só podemos falar de um protofutebol, ou seja, uma prática esportiva incipiente, sem regulamentação, que, posteriormente, viria a se tornar o futebol que conhecemos hoje. Segundo Alex Oliveira (2012), até o século XIX, o protofutebol não era considerado um esporte, porque apenas as atividades realizadas pela nobreza eram reconhecidas como tal, e as famílias nobres consideravam-no um passatempo “desregrado”, que induzia à violência.

Porém, no século XIX, as *public schools* inglesas adotaram a prática do que, então, já se aproximava mais do que hoje entendemos como futebol. Segundo Bruno Boschilia, Sérgio Giglio e Wanderley Marchi Jr. (2022), isso ocorreu dentro de um processo que buscava transformar em esportes os jogos populares daquele país. As *public schools* eram instituições de ensino públicas bastante independentes do Estado. Elas haviam sido criadas para a população carente, mas acabaram se transformando em internatos para estudantes de classe alta e média alta. Em tais instituições, modalidades como o futebol passaram a ser adotadas com um propósito aristocrático de desenvolvimento educacional. É nas *public schools* que o futebol moderno ganhou corpo, especialmente no período entre os anos 1830 e 1860.

Também o cristianismo atuou a favor do futebol no século XIX na Inglaterra. A Igreja Católica abria espaço depois das missas de domingo para práticas de lazer e jogos, inclusive o futebol. Atividades que também eram valorizadas nas festividades da Igreja. Carmen Rial (2012) afirma que o protestantismo era historicamente mais resis-

tente à prática esportiva. Todavia, ao longo do século XIX, ganhou força, na Igreja Anglicana, a doutrina do cristianismo muscular, que pregava a ideia de que o homem cristão deve cuidar da sua forma física e masculinidade. O processo em questão favoreceu o incentivo também do anglicanismo à prática de esportes como o futebol.

No entanto, se certos movimentos de valorização do futebol no séc. XIX vinham de lugares de poder, como as *public schools* e as igrejas, por outro lado, o esporte também existia em lugares de subalternidade. Com a Revolução Industrial, a prática, antes de origem camponesa, passou a ser apreciada igualmente pela classe proletária. Nesse contexto histórico, a burguesia é quem parecia não ver o processo com bons olhos, desconfiando de que o esporte reduziria a produtividade do operariado, especialmente pelo risco de as pessoas jogadoras se machucarem. Em 1835, o parlamento inglês chegou a impor uma lei coibindo a prática do futebol, mas houve grande resistência popular contra ela.

Em 1863, com a criação da Football Association, foi oficializado um conjunto de regras para padronizar a prática do esporte, que até então contava com muitas variações. Esse acontecimento é apontado como o início do futebol moderno. O movimento de padronização foi impulsionado por egressos das *public schools*. Segundo Agnaldo Kupper (2019), as regras estabelecidas foram publicadas em cartilhas e distribuídas pelo país. Mas a prática do esporte seguiu ocorrendo de forma marginalizada por parte do operariado até a década de 1870, quando passou a ocupar as tardes de sábado, recém-conquistadas como período de folga pela classe trabalhadora. Em 1885,

o futebol foi profissionalizado na Inglaterra. Nas últimas décadas do século XIX, já consolidado, iniciou sua expansão global, chegando à França em 1872. Naquele ano, houve também a primeira partida entre seleções, disputada por Inglaterra e Escócia.

A história do futebol é geralmente contada apenas da perspectiva masculina, por isso, é importante pensarmos também na prática dele por mulheres nesse período. Segundo Nilsângela Lima e Maria Sousa (2016), além de haver poucas fontes documentais sobre as primeiras participações das mulheres nesse esporte, elas também apontam para diferentes datas. Entretanto, a primeira partida de futebol entre mulheres registrada na Inglaterra teria ocorrido entre 1880 e 1889. Mesmo assim, a participação das mulheres só foi se consolidar efetivamente durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando os homens deixaram os campos de futebol vazios ao partirem para os campos de batalha. Os jogos realizados por mulheres nesse período costumavam ter caráter beneficente, arrecadando fundos para os veteranos da Guerra. Carmen Rial (2021) destaca a criação do clube Dick, Kerr's Ladies FC, em 1917. Segundo a autora, o time chegou a viajar para os Estados Unidos e se tornou “imbatível” até mesmo em competições contra homens. Porém, em 1921, as mulheres foram proibidas de praticar o esporte na Inglaterra, proibição que só foi revogada em 1970.

A CHEGADA AO BRASIL E AS TENSÕES DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO

A narrativa oficial conta que, em 1894, em São Paulo, o futebol chegou ao Brasil por meio do estudante brasileiro Charles Miller, vindo

da Inglaterra. Alex Oliveira (2012, p. 171) relata, numa narração quase mítica, que, na bagagem desse herói, havia “duas bolas, uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte”. A verdade é que essa narrativa oficial, protagonizada por um homem branco de classe média alta, foi a escolhida para marcar o início da prática futebolística no território brasileiro.

José Neto (2002), contudo, afirma que o futebol foi introduzido pela primeira vez no Brasil por instituições de ensino, e foi nelas que ele foi primeiro praticado. Segundo o autor, a partir de 1879, escolas brasileiras – com destaque para as jesuítas – começaram a buscar na Europa atividades desportivas que pudessem ser introduzidas em seus currículos. Nesse processo, identificaram o futebol, o que fez com que ele passasse a ser praticado em algumas dessas instituições já na primeira metade da década de 1880. O colégio São Luís de Itu foi um dos precursores nessa assimilação. Até 1887, no entanto, a prática que ocorria nele se restringia a exercícios introdutórios recreativos. Naquele ano, as atividades começaram a se guiar pelas regras do esporte. Somente em 1894, o futebol se estabeleceu de forma concreta e estruturada nessa instituição, aproximando-se de seu formato atual. Assim como havia ocorrido nas *public schools* inglesas, os ex-alunos desses colégios foram se tornando grandes divulgadores e entusiastas do esporte no país.

Mesmo o desenvolvimento da prática fora dos colégios e entre jovens de elite, para José Neto (2002, p. 29), não foi um feito realizado exclusivamente por Charles Miller: “Miller chamou para si a responsabilidade de promover a prática do esporte entre a fina flor da

juventude paulistana. Não foi o único, mas seu extraordinário talento em campo dava-lhe uma autoridade superior”. Com esse talento destacado para o esporte, ele conseguiu incentivar a criação de times em diversos clubes da cidade, o que faz com que, de fato, sua ação tenha sido estruturante no início desse processo. Para Neto, a fama de pai do futebol de Miller se deve à cobertura da imprensa e ao processo de documentação da prática do esporte, que foi mais realizado nos clubes. O autor também destaca relatos da prática do futebol entre marinheiros e ferroviários, já por volta de 1892.

É preciso levar em consideração, no entanto, que as narrativas mais difundidas sobre a origem do futebol no Brasil são tão importantes quanto a discussão sobre o que ocorreu ou não de fato, pois elas condensam as representações que têm construído o imaginário sobre o qual o esporte tem se fundado. De todo modo, depois da chegada de Charles Miller, o jogo se popularizou entre jovens de elite que tentavam se aproximar do modelo “civilizado” europeu. As partidas aconteciam em espaços pequenos e luxuosos, que funcionavam como símbolo de distinção social. Entretanto, o futebol também ganhava adeptos entre as classes menos privilegiadas em todo o país. No fim da década de 1900, o esporte já havia se espalhado pelo Brasil. Diversos europeus que desembarcavam por aqui ou brasileiros que regressavam da Europa, assim como Charles Muller, foram recebendo o título de “pais” do futebol em cada local do país para o qual se dirigiam. Pablo Alabarces (2018) conta que, em 1906, por exemplo, já havia uma liga de futebol em Belém, o que demonstra que o esporte já estava presente também na Amazônia. Os relatos não oficiais,

inclusive, apontam para esse como um dos locais em que o futebol começara a aparecer mesmo antes da chegada de Miller.

Em contraste com os equipamentos caros e espaços sofisticados utilizados pela elite branca, pobres e negros jogavam com bolas velhas em campos improvisados. Inicialmente, segundo Oliveira, os jogadores da elite gostavam de enfrentar os pobres para “impor” sua supremacia no esporte. Entretanto, a relação entre os times era tensa, de modo que os negros, em especial, não podiam fazer jogadas mais agressivas contra os atletas brancos, sob risco de sofrerem violência dos policiais que acompanhavam as partidas. O autor relaciona esse contexto com a formação do chamado “futebol arte”, tido como um estilo tipicamente brasileiro, na medida em que os jogadores negros passaram a ter que improvisar jogadas que envolviam menos contato físico, exigindo mais habilidade com os pés e controle da bola. Apesar do caráter mítico dessa teoria, ela é uma alegoria eficaz sobre o malabarismo que pobres e negros tinham que fazer para ter acesso ao esporte elitizado naquele momento. É preciso lembrar que a escravidão havia acabado há apenas seis anos antes da data “oficial” de chegada do futebol ao país.

Mesmo diante desse cenário, clubes compostos por negros surgiram rapidamente. Em 1900, foi fundado o Ponte Preta, em São Paulo, que tinha um fundador negro (Benedito Aranha) e um jogador negro (Miguel do Carmo) na primeira formação do time. No Rio Grande do Sul, houve a criação de uma liga para equipes só de atletas negros, a chamada Liga das Canelas Pretas, surgida em 1920, que organizava competições em paralelo àquelas disputadas por times de elite de jogadores brancos.

O estilo dos jogadores negros chamava a atenção dos clubes elitistas. Porém, além do preconceito a ser vencido, a elite defendia o amadorismo no esporte, enquanto, para os negros, não era possível se dedicar integralmente ao futebol se não fossem remunerados. Nos anos 1920, o Vasco da Gama foi um dos primeiros a incluir jogadores negros na equipe. Com essa configuração, o clube venceu o campeonato carioca de 1923. A resposta dos demais times de elite à conquista vascaína foi criar uma nova liga, estabelecendo regras excludentes dirigidas a ele, como proibir a participação de atletas que exerciam determinadas profissões ou que fossem analfabetos. Como forma de resistência, o Vasco passou a alfabetizar, ainda que precariamente, os seus jogadores. O episódio demonstra que as segregações que existiam no futebol brasileiro naquele momento não eram só de raça, mas também de classe. Mas, com a popularização cada vez maior do Vasco, os demais times viram-se obrigados a aceitá-lo novamente na liga, em 1925.

Antes, em 1914, consta que o jogador Carlos Alberto teria coberto o seu rosto com pó de arroz para atuar pelo Fluminense, passando-se assim por branco. Ainda que não haja muitas fontes que confirmem o fato, essa “lenda” expõe as relações raciais que se estabeleciam naquela época. O Flamengo, fundado em 1912, teve origens elitistas. Porém, ao se profissionalizar, em 1936, contratou alguns dos principais jogadores negros de então, o que contribuiu para que sua torcida passasse a ser composta predominantemente por pessoas das classes populares. Tanto que o clube recebeu o apelido de “pó de carvão”, em oposição ao “pó de arroz” do rival Fluminense, apelido adquirido há mais de duas décadas devido ao episódio citado acima.

Alex Oliveira (2012, p. 174) defende que a história do futebol é marcada por sua relação com os conflitos sociais: “desde a época dos camponeses e nobres na Inglaterra, até sua chegada elitista no Brasil, a prática futebolística esteve presente nos conflitos entre pobres e ricos”. Também Marcelino Silva (2012, p. 85) reforça essa visão, mas a estende a outros tipos de conflito social. Segundo ele, na maior parte dos discursos acadêmicos e jornalísticos sobre o esporte, “o conflito entre o povo e as elites ocupa um lugar preponderante, emulado muitas vezes por outras dicotomias análogas, como as que opõem negros e brancos, ricos e pobres, centro e subúrbio etc.”. No entanto, não é possível observar de forma tão evidente essas dicotomias no desenvolvimento do futebol em todos os lugares – Belo Horizonte é um exemplo, como veremos mais adiante.

Na década de 1930, o processo de profissionalização do futebol tomou corpo no país. Mesmo antes, já ocorriam pagamentos ilegais a jogadores que não podiam jogar de forma amadora. Era o chamado “amadorismo marrom”. Mas se, de um lado, o amadorismo era defendido por quem queria manter o caráter elitista do esporte, de outro, buscava-se aproveitar as oportunidades trazidas por sua grande popularização. A elite desejava que o futebol se mantivesse como divertimento, e os trabalhadores que se tornasse também fonte de subsistência.

A profissionalização rompeu com a diferenciação que o esporte promovia entre as classes sociais. A elite resistia ao profissionalismo também porque ele ameaçava sua hegemonia. Enquanto os trabalhadores não tinham tempo suficiente para se dedicarem ao

treinamento, os jogadores da elite levavam vantagem. Mas quando os pobres passaram a poder se dedicar integralmente ao esporte, o desequilíbrio se inverteu. Uma forma de tentar contornar isso foi dividindo os campeonatos em duas ligas, de maneira que os times amadores, ainda contando com maior status, não competissem de frente com os profissionais. Outra forma encontrada pelas equipes de elite para concorrer com as de jogadores negros foi recrutar atletas pobres, porém brancos. Mas estes também não contavam com tempo livre para o amadorismo, o que pressionava ainda mais os times para a profissionalização. No fim das contas, com a inserção dos jogadores negros nos times de elite e o destaque que eles passaram a ter nessas equipes, surgiu, ironicamente, a visão do futebol enquanto concretizador de um imaginário da miscigenação tomada como suposta identidade nacional.

Caroline Almeida e Thaís Almeida (2020) nos falam sobre a participação das mulheres nesse contexto. Segundo as autoras, os primeiros registros de jogos realizados por mulheres no Brasil são de 1913. Entretanto, elas estiveram engajadas na prática do esporte desde o início, ainda que apenas nas arquibancadas. A prática do futebol por mulheres foi se tornando mais competitiva nas décadas seguintes e, em 1940, um público de 80 mil pessoas foi registrado em uma partida. Nessa mesma década, já havia mais de 200 times de mulheres espalhados pelo país.

Com a popularização do futebol entre mulheres, começou a surgir um questionamento sobre o “perigo” que o esporte trazia para a capacidade das praticantes gestarem fetos, demonstan-

do um domínio do Estado sobre o corpo da mulher. Entretanto, a situação começou a se agravar quando apareceram insinuações de que os times seriam, na verdade, uma forma de aliciamento de mulheres para a prostituição. O auge desse processo estigmatizador do futebol de mulheres se deu quando times formados por mulheres começaram a ser convidados para fazerem excursões internacionais. Nesse momento, o moralismo em relação à “exposição” delas fez com que a situação fosse vista como insustentável. Inclusive porque parecia ser uma afronta para o país e o futebol como símbolo nacional.

Assim, em 1941, a prática de futebol por mulheres acabou sendo proibida no país. Naquele período, dois movimentos já aconteciam no futebol: a profissionalização e a transformação do esporte em símbolo da identidade brasileira. Entretanto, mesmo antes da proibição, ambos os processos já não incluíam as mulheres. A prática só se tornou legal novamente em 1979. Carmen Rial (2021) defende que, nesse período, grande parte das mulheres internalizaram o distanciamento em relação ao esporte. Desse modo, o mais comum é que não apresentassem mais interesse por ele, nem mesmo como torcedoras. A não ida aos estádios também estava relacionada ao clima de assédio muito presente nesses espaços. Por outro lado, mesmo com a proibição, algumas mulheres continuaram praticando de forma clandestina no país – inclusive em Belo Horizonte –, por vezes, alcançando certo destaque e não suscitando oposições de autoridades. A organização do futebol praticado por mulheres pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) só aconteceu em 1983, ano em que ocorreu o primeiro campeonato nacional. Segundo Rial, as

mulheres pobres, negras e lésbicas foram as primeiras a voltar a ocupar o cenário do futebol de mulheres.

O PAÍS DO FUTEBOL

O início da prática do futebol no território brasileiro se misturou com o próprio processo de integração nacional, na medida em que o país só viria a se tornar integrado de forma mais efetiva a partir da década de 1930. Antes disso, o Brasil tinha um perfil predominantemente rural, com baixo índice de urbanização. A partir da primeira metade do século XX, o futebol se tornou um dos maiores definidores da identidade brasileira, ao se disseminar pelo país. Isso se torna evidente quando observamos a presença de campinhos de futebol em qualquer lugar do Brasil. O governo Vargas teve papel fundamental nesse processo, impulsionando o estabelecimento do futebol como signo de identidade nacional ao utilizar o esporte como ferramenta política para promover a unificação do país. Grandes estádios, como o Pacaembu, foram inaugurados nesse período.

Não surpreende que nós todas, todos e todes já tenhamos ouvido dizer que o Brasil é o país do futebol. Franco Júnior (2013, p. 48) discute esse título autoconcedido, ressaltando que não há uma precisão sobre o que ele significa. Seria o Brasil o país “onde o futebol é mais praticado, ou mais apreciado, ou mais bem compreendido, ou mais bem jogado, ou que produz os maiores futebolistas, ou mais vencedor”? Essa crença, no entanto, tornou-se importante para a construção da identidade nacional, não sendo apenas uma forma como nós nos conhecemos, mas também pela qual, por vezes, o país

é conhecido internacionalmente. Usando dados relativos à época de sua pesquisa, Hilário Franco Júnior questiona essa autorrepresentação, apontando que outros países têm mais praticantes e maior média de público nos estádios que o Brasil. No entanto, é necessário entender que essa representação não precisa se materializar em algum dado estatístico para se mostrar legítima, uma vez que ela se relaciona, acima de tudo, com um sentimento compartilhado.

Apesar da identificação de grande parte da população brasileira com o futebol, Rafael Lourenço (2011, p. 6) destaca como a Copa do Mundo é um período excepcional no qual surge um forte “patriotismo ocasional que domina as ruas brasileiras a cada quatro anos, quando é normal ver nos carros, casas e até no corpo das pessoas as cores nacionais estampadas”. Em sua pesquisa, o autor apresenta discursos de pessoas que se sentiam pressionadas a demonstrar entusiasmo com esse evento, dando a ver um entendimento de que essa seria uma obrigação de toda a população. Marcel Freitas (2007, p. 3) destaca ainda que, através do futebol, “acontece um patriotismo que não consegue ser alcançado por nenhum outro fenômeno, nem mesmo pelo carnaval ou pela religiosidade”. Isso se relaciona com a ideia bastante difundida de que o futebol seria democrático, igualando todas, todos e todes, independentemente de raça ou classe. Mas a artificialidade desse discurso se mostra, por exemplo, na reprodução da relação de desigualdade entre o sul e o norte do país, com um número muito pequeno de clubes do Norte nos campeonatos nacionais. Freitas questiona, também, se considerar o futebol como signo da identidade nacional não seria tomar uma identidade masculina como universal. Isso porque o futebol foi sistematicamente negado à

mulher ao longo de sua história, tendo sido, por outro lado, incentivado ao extremo ao homem.

Sob uma diferente perspectiva, na análise de Agnaldo Kupper (2019), o futebol aparece como uma forma de alienação. Tendo surgido na Inglaterra, berço do capitalismo, esse esporte inicialmente foi malvisto pela burguesia. Entretanto, vendo o interesse da classe operária por ele, a elite investiu na sua expansão para tentar diminuir o foco do operariado na organização sindical e política. Nesse sentido, o futebol teria se tornado um aparelho ideológico do Estado, reproduzindo as relações econômicas vigentes. No Brasil, é importante lembrar também da utilização do futebol como instrumento de popularização de governos como o de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar.

O QUE É SE ENTENDE POR FUTEBOL?

Ao falar sobre o papel do futebol na sua vida, Ângelo (ManoTauros, 2018) contou: “sempre joguei, desde pequeno. Sempre joguei futebol. Eu acho que, tirando o Norte, eu joguei em todas as regiões do Brasil. Eu sempre joguei futebol. Futebol meio que é parte da minha vida, assim, sabe?” Também para Roberto (Bharbixas, 2018), o futebol tinha um papel central na sua vida, não só pela torcida e pela prática do esporte, mas pela sociabilidade em torno dele: “o futebol acabou significando, para mim, não só o prazer de jogar e de torcer, mas novos amigos, família, motivo para realmente sair, tomar um, encontrar. Mineirão é a minha segunda casa, eu amo aquele lugar, tipo, tem uma vida ali dentro, sabe?” Ele é de uma cidade do interior

de Minas Gerais e, ao chegar em Belo Horizonte, as primeiras amizades que fez foram através do futebol. Alguns anos depois, ele criou um time de futebol amador, foi técnico e dirigente dele, e organizou um campeonato com 24 equipes no Parque Municipal. Por tudo isso, ele resumiu: “então, assim, o futebol... eu posso dizer que é mais da metade da minha vida”. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) é outro que apontou para uma importância fundamental do futebol para si: “o futebol faz parte da minha vida. É a cura da minha tristeza, depressão, é o meu maior desafogo”. Mas o que é esse futebol que é tão importante e faz parte da vida de tanta gente?

O que chamamos de “futebol” de forma cotidiana no Brasil não é apenas o futebol de campo, ligado aos ídolos, ao espetáculo, aos estádios e ao clubismo. A palavra futebol é usada para se referir às mais diversas manifestações relacionadas ao “jogar bola”, quando essa expressão está ligada a disputas esportivas em que se toca a bola com os pés. Isso inclui o futsal, o futebol de salão e o mais importante do ponto de vista da recreação: as “peladas”. Elas são partidas improvisadas e informais, com campo, estrutura, número de jogadores e regras definidos no momento do jogo. As peladas subvertem as convenções do esporte, criando seus próprios formatos, inclusive em relação à maneira de vencer o jogo. Muitas vezes, elas são jogadas em um formato no qual três ou mais times se revezam, sendo que cada jogo dura dez minutos ou acaba antes disso se um dos times sofrer dois gols. O time perdedor dá espaço para o próximo da fila, chamado de “time de fora”. Se a partida terminar em empate, o time que estava em quadra há mais tempo sai. Esse formato costuma ser chamado de “10 minutos ou 2 gols”, sendo que, em Minas Gerais, o

costume é que a duração seja de 7 minutos. É exatamente assim que ocorreu em uma pelada do Bharbixas da qual participei.

Quando os jogadores são do gênero masculino, para identificação, muitas vezes os times são divididos entre os “com camisa” e os “sem camisa”. No caso de as jogadoras serem mulheres, uma alternativa é o uso de coletes de cores diferentes em cada um dos times. No Bharbixas, como me explicou uma jogadora, em partidas com homens e mulheres, apenas as mulheres que estavam no mesmo time dos homens que estavam sem camisa usavam colete. Outro formato é o “golzinho”, em que um pequeno campo é improvisado em locais como ruas ou quintais, e as traves são substituídas por objetos que delimitam o espaço do gol, como chinelos, por exemplo. Não há goleiros e, geralmente, a área do gol tem um tamanho reduzido, o que justifica o nome do jogo. Há ainda outras brincadeiras relacionadas à prática do futebol, como o “bobinho”, chamado em Minas Gerais de “peruzinho”, no qual uma pessoa tenta roubar a bola das outras, que ficam em roda tocando a bola entre si. A pessoa que for driblada e perder a bola se torna o novo bobinho (ou peruzinho), indo para o centro para tentar recuperar a bola. Brincadeiras como essa funcionam como aquecimento ou às vezes até substituem as peladas. A altinha, que consiste em tocar a bola entre os jogadores em roda, sem deixá-la cair no chão, também é outro jogo muito comum. Nesse caso, pode-se usar qualquer parte do corpo para evitar que a bola caia, exceto as mãos.

No que tange a essas variações do que chamamos de “futebol”, Joelcio Pinto (2010) acredita que o futebol de salão seja o verdadeiro

esporte mais praticado no Brasil, de forma amadora e no ambiente escolar. No entanto, ele não conta com o apelo popular nem com o destaque midiático dado ao futebol de campo. O autor argumenta que, possivelmente, muitas, muitos e muitos de nós nunca jogamos futebol de campo, mas praticamente todas, todos e todes jogamos futebol de salão na escola. Diferentemente do que aconteceu na chegada do futebol ao país, o início da prática do futebol de salão no Brasil não contou com resistências. Isso se deve ao fato de que o futebol já havia se tornado popular. Pinto faz um estudo sobre a memória do futebol de salão em Belo Horizonte. Ele explica que o avanço dessa modalidade se deu a partir das mudanças na estrutura urbana que fizeram com que campos de futebol fossem substituídos pela edificação de prédios. Sem esses espaços para a prática amadora do futebol, muitos jogadores migraram para o futebol de salão.

As competições da LiGay ocorrem no formato “*fut7*” ou “futebol *society*”, que é disputado em campo gramado sintético com sete jogadores em cada time. A popularidade desse formato, que tem crescido desde os anos 1980, deve-se à facilidade de acesso às quadras nos ambientes urbanos durante a semana. Usualmente, a locação é realizada por meio de “vaquinhas” entre amigos. Para Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022), esse formato contribuiu muito para a proliferação de times LGBTQIAPN+ pelo Brasil. Mas, apesar de as competições da LiGay ocorrerem nesse formato, algumas vezes os times também praticam o esporte em quadras, como foram os treinos e peladas do Bharbixas que eu acompanhei. Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre essa diferença em relação ao momento em que foram competir pela primeira vez: “a gente sempre jogou futsal, que

é aquele futebol de quadra. E a LiGay seria num formato de fut7, que é um futebol sintético, que é o *society*".

CLUBISMO E TORCIDAS

O futebol faz parte do processo de formação cultural e ideológica dos indivíduos desde as primeiras instituições nas quais eles se inserem: a família e a escola. Nesse contexto, uma das primeiras formas com que o futebol se torna elemento de construção das nossas identidades é através das torcidas, processo que está diretamente ligado às rivalidades entre clubes locais. O surgimento dessas rivalidades e dos "clássicos" relacionados a elas se deve ao fato de que, no início do século XX, as regiões do país ainda não eram muito conectadas umas com as outras. Desse modo, as identidades clubísticas foram formadas a partir da rivalidade entre times locais.

É o caso, por exemplo, da formação da rivalidade entre o Grêmio e o Internacional, em Porto Alegre. No início do século XX, o Grêmio se formou a partir de uma comunidade germânica que havia se destacado economicamente na região. Por outro lado, o Internacional, vinculado à população de origem portuguesa que antes era hegemônica no local, surgiu como uma oposição ressentida em relação à comunidade alemã, vista como uma elite autossegregadora. Desde sua fundação, o Internacional se colocou como um time aberto à pluralidade e às classes populares. As próprias sedes dos clubes ficavam em bairros socioeconomicamente distintos: na região mais privilegiada da cidade no caso do Grêmio e em uma das mais pobres no caso do Internacional. Gilmar Mascarenhas (2012, p.

78) destaca que cada uma dessas identidades clubísticas “expressava as linhas básicas de tensões na estrutura social local, relacionadas a questões étnicas e de diferente poder aquisitivo”.

A partir de 1939, o Internacional começou a recrutar maciçamente jogadores pobres e negros que exerciam a prática futebolística de forma marginal. Com isso, consolidou sua imagem de “clube do povo” e até mesmo adotou o Saci como mascote. O Grêmio, por outro lado, recusou a inclusão de atletas negros até 1952. Dessa forma, consolidou a imagem de um clube de elite, branco e racista. Mascarenhas afirma que a decisão tardia de mudar a política racial veio como uma tentativa de se tornar mais competitivo frente ao rival, que havia tido bastante sucesso com a contratação de atletas negros de periferia. A partir da década de 1950, porém, as diferenças entre os clubes foram se diluindo. O Grêmio construiu um novo estádio na periferia da cidade e lançou um novo hino composto por um músico negro. Esse exemplo demonstra como o futebol foi perdendo seu caráter “higiênico” e aristocrático e absorvendo as características e tensões locais. Por isso, Mascarenhas (2012, p. 81) defende que “a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente”.

A fidelidade clubística é um elemento fundamental para a estabilidade do futebol-espetáculo. O critério central para o pertencimento clubístico é a herança: começamos a torcer, quando crianças, pelo “time de coração” de alguém mais velho da nossa família, tradicionalmente uma figura masculina. Tal pertencimento assume a forma de um status imutável ao longo da vida, de forma que esse fenômeno se aproxima de um sistema totêmico baseado em códigos

de honra com características tipicamente masculinas (Arlei Damo, 2006). O pertencimento a um clã se dá pelo nascimento e implica na obrigação de defendê-lo.

As pessoas torcedoras são militantes e têm alto engajamento emocional. A identificação da torcedora, torcedor ou torcedore com determinado clube se dá a partir de experiências prazerosas esse lhe proporciona. Desde as brincadeiras com colegas por causa do time até a catarse das vitórias difíceis. Uma relação emotiva e afetiva vai se criando com o time pelo que traz de prazer e experiência para as pessoas torcedoras. Os momentos em que elas devem “salvar” a honra de seus times, resistindo a “zoações” de rivais, são essenciais para o fortalecimento do clubismo. Mas a rivalidade requer um equilíbrio de forças entre os clubes, para que eles possam se enfrentar nos campeonatos e para que as torcedoras, torcedores e torcedorus tenham como se provocar.

No entanto, é possível entender que o pertencimento clubístico é um tipo de “significante vazio”, ou seja, a paixão de alguém por um clube é uma paixão pelo futebol condensada em torno de um time, que poderia ser outro, se a pessoa tivesse sido introduzida a ele na infância. Por isso, em geral, não são as características próprias de cada clube que fazem com que as pessoas gostem dele, porque não se trata de uma “escolha”. Como bem exemplifica Gilberto Netto (2012, p. 11), “aquilo que o Vasco da Gama representou quando de sua fundação (um clube fortemente atrelado ao bairro de São Cristóvão e à periferia) não é o mesmo Vasco de hoje, seguido por muitos torcedores das mais variadas origens”. Roberto (Bharbixas, 2018) tem uma relação

com o Cruzeiro que também ilustra bem esse processo, evidenciando um papel central do clube na construção da sua identidade.

Eu odiava futebol até os nove anos, mas venho de uma família tradicional do interior. Meu tio foi o primeiro cruzeirense da família. Conheceu o Cruzeiro na época de Tostão e companhia. Ele fez um radinho na roça e ficava ouvindo o jogo do Cruzeiro, e, a partir dele, a família inteira virou cruzeirense. Então, cresci numa família que gosta de futebol e de cruzeirenses. E, em 98, o Cruzeiro foi vice do Brasileiro, da Mercosul e da Copa do Brasil, naquele ano. Então, eu comecei a acompanhar também o Cruzeiro. Em 2000, foi realmente quando eu virei fanático com futebol, principalmente com o Cruzeiro. Foi em 2000, na final da Copa do Brasil. Cruzeiro e São Paulo. O Geovanni fez o gol, e o Cruzeiro foi campeão. Esse é o lance mais marcante da minha vida no futebol. Eu arrepio quando eu vejo sempre. O Geovanni se tornou meu primeiro ídolo no futebol. E, a partir dali, entendi qual era a paixão e o prazer também de torcer, não só de jogar, que eu já tava gostando. Então o Cruzeiro fez parte. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Se Roberto (Bharbixas, 2018) tem paixão pelo Cruzeiro, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) tem o mesmo sentimento pelo time rival: “eu falo que vivo no futebol desde a barriga da minha mãe, pois mesmo grávida ia nos jogos do Atlético Mineiro, que é o meu

time de coração. Mesmo sendo criado na Sede Campestre⁴ do rival, eu sempre fui atleticano apaixonado pelo Galão”. Por trajetórias como essas, é possível identificar a existência de dois momentos na história da relação entre um clube e sua torcida. Na sua fundação, pode haver uma identificação com ele por questões étnicas, geográficas, socioeconômicas etc. Mas, com o tempo, isso vai se perdendo, e a caracterização do time já não é o que importa mais, e sim para quem nossos antepassados torciam. No entanto, a origem socioeconômica dos clubes pode fazer com que as torcidas se caracterizem de formas diferentes mesmo com o passar do tempo, afinal, boa parte das famílias tendem a permanecer na mesma classe e região ao longo de gerações. Por isso, muitas vezes, em torcidas rivais, uma é considerada mais popular e outra mais elitizada.

Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) acreditam que existe um padrão de conflito simbólico entre times rivais quando um deles é considerado mais elitizado e outro mais ligado à população de baixa renda. Enquanto torcedores dos times considerados populares provocam os torcedores dos times considerados de elite atribuindo a eles uma maior afeminação, em contrapartida, esses associam os torcedores dos times considerados populares à pobreza, à violência e à criminalidade. Por isso, quem torce para um clube de elite é alvo mais frequentes de apelidos que o ligam ao feminino ou à homossexualidade, como os do São Paulo, chamados de “bambis”,

4 Clube recreativo associado ao Cruzeiro, também chamado de Clube Cruzeiro Pampulha.

os do Cruzeiro, apelidados de “marias”, e os do Grêmio, denominados de “gaymios”. Isso estaria ligado à ideia de que homens ricos seriam mais afeminados, enquanto os pobres, mais másculos.

Já os torcedores dos times considerados populares recebem apelidos ligados à marginalidade, como os do Corinthians, identificados como “favelados”, os do Atlético Mineiro, chamados de “cachorrada”, e os do Internacional, nomeados como “macacada”. Segundo Anjos e Mendes, torcedores dos times considerados elitizados tendem a reforçar seus atributos de civilidade, mas também a defender que eles não significam afeminação. Por outro lado, os torcedores dos times considerados populares buscam tornar positiva sua imagem de times “do povo” e usam o imaginário sobre os conflitos de classe social para se defenderem simbolicamente. Nessa dinâmica, um grupo tende a valorizar suas próprias características distintivas e se colocar como superior ao outro. Mas essas categorizações são sempre simplificações da realidade. Isso quer dizer que não necessariamente os times têm, de fato, essa distinção socioeconômica entre si.

A vivência do futebol nos estádios, para muitas pessoas, também é uma parte fundamental do processo de torcer para um time. Nesse contexto, as torcidas organizadas têm um papel central. Reconhecidas como o grupo mais apaixonado e passional da torcida nos jogos e que mais apoia as equipes, as organizadas puxam os cânticos que são seguidos pelo resto da torcida. Têm muitas vezes uma relação de proximidade com as equipes, sendo reverenciadas pelos jogadores nas comemorações de gol, tendo acesso junto às diretorias e contando até com ajudas financeiras para deslocamentos e aquisições de ingressos em jogos fora de casa.

O circuito de futebol amador também faz parte da vida de muitas brasileiras, brasileiros e brasileiras. Em sua definição, o futebol amador se opõe à prática profissional do esporte, sendo realizada pela simples afinidade com ele. No entanto, é importante distinguir que não estamos nos referindo a peladas, mas a circuitos organizados, com times federados e campeonatos oficiais. Nesse sentido, o futebol LGBTQIAPN+ se adequa perfeitamente aos padrões do futebol amador.

Ao caracterizar o futebol amador, Raphael Ribeiro (2017, p. 7) destaca que ele “cria laços sociais entre os moradores de uma região, estabelece vínculos de pertencimento e de valorização do território que ocupam, serve de instrumento educacional de formação para cidadania e de forma de expressão da cultura popular”. Nesse sentido, Pedro (Bharbixas, 2018) ressaltou que a relação com os colegas de time ia além do futebol: “é muito bacana porque a gente meio que tá montando uma família. De repente me vejo cercado de um monte de pessoas parecidas comigo, e que a gente forma laços”.

Além de quem joga e do público, inúmeras pessoas se envolvem nessa atividade, atuando nos mais diversos processos, tais como os profissionais que providenciam transporte, alimentação, manutenção dos campos e atividades de socialização antes e depois dos jogos. O futebol amador é fonte de lazer para quem tem uma carga de trabalho pesada nos dias úteis e busca relaxar no fim de semana, ou mesmo à noite, depois da jornada diária. Como destacam Suely Souza, Álesson Félix, Jaiana Santos e Alana Gonçalves (2019, p. 3-4),

“é uma prática que revive e descobre valores, promove um papel de integração social e é visto como uma forma de lazer, principalmente para as pessoas de classe baixa, por se tratar de uma prática que não exige muitos recursos”.

No entanto, os times amadores vivem em constante insegurança e instabilidade, devido às dificuldades financeiras e à falta de estrutura. Isso faz com que o quadro de times esteja sempre em transformação, com o desaparecimento de uns e surgimento de outros. Nesse cenário, os times mais antigos costumam ser muito respeitados dentro do circuito do futebol amador, pois a sobrevivência por décadas já é encarada como uma grande vitória. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), às vezes, alguns times LGBTQIAPN+ também acabavam não se firmando, sendo dissolvidos pouco tempo depois de formados. Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que seu time não foi convidado para o 2º Champions LiGay porque o número de equipes querendo participar já estava maior do que o número de vagas. No entanto, ele apontou que os problemas financeiros vividos pelo clube também o impediam de participar de campeonatos nacionais naquele momento.

Embora eu ache que, se a gente fosse convidado, a gente teria que recusar, porque, como foi em Porto Alegre, há um custo muito grande. Se o nosso grupo não trabalha com inclusão GLBT, assim, não trabalha exclusivamente com isso, por um caminho natural, um caminho que a gente não escolheu, a gente acabou recebendo a maioria dos meninos muito carente. Com dificuldade de transporte pro treino, dificuldade de: “ah,

ele precisou pagar a pelada”. É barato, e a pessoa não tem condição. Então, isso foi uma característica que não foi planejada. Mas foi uma característica do ManoTauros, e uma parcela muito alta, de cinquenta por cento pra frente, são meninos muito carentes. Tanto é que eu comprei outra chuteira. O Eduardo tem três, eu tenho quatro, pra emprestar. A gente conseguiu patrocínio. O dinheiro do nosso patrocínio, que é pouco, a gente reverteu em comprar camisas sem nome pra emprestar. Quando tiver um jogo, pra emprestar, pra essas pessoas que ainda não têm condição, sabe? Muitas vezes a gente, informalmente ali, eu e Eduardo... o pessoal não quer ir, a gente pergunta por que, a pessoa não tem nem o vale transporte, então, empresta, assim... Empresta dando, né? Lá pra pessoa. Então, acaba que a gente tem essa inclusão assim. Então, se a gente recebesse o convite pra Porto Alegre hoje, eu acho que a gente recusaria de cara. Porque a gente teria muita dificuldade, porque uma coisa é pagar pra ir na pelada, outra coisa é bancar dezesseis pessoas pra ir até Porto Alegre. Tipo, seis conseguiriam e dez precisariam de ajuda. Mas é nossa pretensão. Pretensão não, vai acontecer. A gente vai disputar uma taça em São Paulo, que é tão importante quanto a LiGay, que chama Taça Hornet. Então, a gente já tá meio que já tá avisando e organizando os meninos pra a gente poder ir. “Ah, mas é São Paulo, é perto.” Não é tão simples assim. Os meninos bem carentes, então a gente tem que viabilizar a questão da ida, a questão de hospedagem. Hospedagem é caro em São Paulo. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) disse também que o time estava tentando a liberação para usar uma quadra de escola, porque alugar espaços para jogar estava sendo muito caro. Pedro (Bharbixas, 2018) também me falou sobre a questão financeira do seu time.

A gente tá pra fechar o estatuto do time agora, pra conseguir se formalizar mesmo enquanto uma organização. Principalmente pra conseguir ter um CNPJ e abrir uma conta, pra conseguir patrocínio, que as competições que a gente participa são caras. É caro participar da competição, é caro ir todo mundo pra outro estado jogar. Então, uma das preocupações atuais nossas é correr atrás de patrocínio, encontrar empresas que possam apoiar o time financeiramente. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Wagner Camargo (2022) afirma que muitos times de futebol LGBTQIAPN+ brasileiros não contam com patrocínio. Mas se grande parte dos times amadores, incluindo o ManoTauros e o Bharbixas, enfrenta problemas financeiros, por outro lado, uma lógica contrária costuma estar presente em equipes amadoras mais bem estruturadas: pagar bons jogadores para participarem das equipes nos campeonatos. Nesse caso, temos uma interessante zona cinza entre o amadorismo e o profissionalismo. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) foi jogador profissional, mas, depois de ter desistido da carreira, continuou atuando de forma remunerada no futebol amador: “eu recebia pra jogar nos times, alguns times da Região Metropolitana de Belo Horizonte”. De todo modo, as diferenças entre o futebol profissional e o amador começam a se diluir a partir da segunda divisão dos campeonatos

profissionais. Muitos times dessa divisão já têm estrutura e funcionamento que os aproximam do amadorismo.

Grande parte dos jogos amadores, principalmente na zona rural, ocorre em campos precários, sem as condições necessárias para uma prática adequada do esporte. Tudo isso evidencia uma grande reconfiguração dessa atividade com o passar das décadas, como destaca Joanna Silva (2011, p. 74): “o futebol amador deixa de ser uma prática predominante das elites para ser uma prática predominante das classes populares; sua forma de organização se inspira na profissional, mas ela se desenvolve com menos recursos”. Nesse contexto, apesar de os campos de várzea terem sumido em muitas partes das cidades, eles permanecem principalmente nas áreas mais pobres, sendo ainda uma fonte de lazer muito importante para a população local.

Os times de futebol amador buscam manter uma estrutura espelhada com a do futebol profissional. Eles geralmente contam com diretoria, presidência, registro em cartório, uniformes padronizados, grito de guerra, hino e até torcida organizada. A rivalidade entre eles é mais forte quando ambos fazem parte de um mesmo bairro e, portanto, disputam a preferência da mesma comunidade. Pedro (Bharbixas, 2018) apontou para uma estrutura fortemente organizada do Bharbixas.

Quando começou, existia uma comissão pra executar as coisas práticas necessárias no time, que era agendar as quadras, fazer o pagamento, levantar o dinheiro com todo mundo, divulgar as peladinhas que iam acontecer, comprar os uniformes, fazer a venda dos uniformes... Existia essa comissão, e essa

comissão nunca tinha sido votada, nunca tinha sido eleita. Até que, em dezembro do ano passado, a gente mudou esse formato. Fizemos a primeira assembleia aberta do Bharbixas. Nessa assembleia, a gente fez a votação de comitês pra organizarem o time. Aí, o time hoje tem cinco comitês. Um comitê de saúde. Um comitê de ética. Um comitê social, que é dedicado a fazer as parcerias e as causas sociais que a gente apoia. Um comitê técnico, que é da treinadora e do pessoal responsável da parte técnica do time, as competições. E um comitê de marketing, responsável por trabalhar com as redes sociais, tentar busca de patrocínio, parcerias, os eventos que a gente ajuda a organizar. Esses comitês foram formados, foram votados em assembleia. Desde então, vão acontecendo as assembleias periódicas. E a gente criou um modelo onde todas as decisões do time são tomadas via assembleia. Numa ideia de tentar fazer a coisa mais democrática possível. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Pelas falas de Ângelo (ManoTauros, 2018) e Pedro (Bharbixas, 2018), é possível perceber que, naquele momento, o Bharbixas era um time muito mais estruturado que o ManoTauros. O ManoTauros ainda não havia feito um estatuto, e estava sem alguém para cuidar das mídias sociais. Ângelo (ManoTauros, 2018) explicou: “a estrutura do time precisa melhorar muito, sabe?” No entanto, isso já era esperado, tendo em vista que, quando essas entrevistas foram realizadas, o Bharbixas já existia há mais tempo, e o ManoTauros havia acabado de se formar.